

Barbara, 16 de Dezembro de 1921.

Elvira.

Sinceros votos de felicidade.  
Passamos regularmente.

Depois de muitos  
dias de silencio, recelei tua querida  
cartinha vinda na mala de P. Fun-  
do, a qual passo a responder-te:

Extranho que não hajas rece-  
leido outras cartas minhas, pois  
depois que te escrevi pelo Egito  
te escrevi mais tres — uma pelo  
Nathaniel, uma com nove paginas  
outra tambem com oito e outra  
com quatro; decerto appareceu  
alguem que tem commettido  
a malvadez de extrahir-as.  
Em que podera interessar a

estranhos a nossa innocent  
correspondencia? É mesma por  
malvadez!

Ora... então precisas de ar-  
rumar-te para me receber?  
pois eu te confesso que dese-  
java mais vêr-te sempre  
na tua simplicidade casiva, tan-  
to que era para pedir-te que  
náo fizesse mais isso, pois  
náo sei que praça encontro  
em vêr uma moça sem  
toilette, quero dizer sem adornos,  
e ainda mais se essa pes-  
soa fosse tu! Lembro-me  
de te haver dito que a minha  
presença parecia-não  
náo ter te causado alegria,  
mas a disse sem intenção,

transformar-se em realidade  
ainda tão breve, pois como  
te escrevi em diversas cartas  
(que talvez ainda não recebesse),  
não poderei ir tão breve, porque  
vendi o meu cartório e estou  
organizando o arquivo para en-  
tregar, o que deve ser até o  
fim do mês ou principio do  
anno. Nestes dias iri a C. Alta,  
e de lá talvez te possa precisar  
o tempo da minha liberdade,  
porque saberei quando entregarei as  
algemas, quero viver o cartório.

Amanha passarei por casa de  
uns compadres tuos o José Dutra  
que mora na estrada que vai  
a Württemberg para onde irei  
amanha; convencia-os a minha tem-

po, mas só a uns tres dias tem-  
be que eram teus compadres,  
mas depois disso não os vi; a  
tua afilhada dissera ao Dom-  
gilio que tem muita san-  
dade de ti e que quando tu  
eresses até aqui ella seria  
esquecida - tu ou então iria  
comigo quando eu fosse.

Faz tempo que não os ves?  
A tua afilhada é muito bo-  
ritinha, em Filhos dancei com  
ella num baile de casamento  
mas não sabia que ella era  
tua afilhada nem ella sabia  
que eu era teu noivo. Se não  
me esquecer, ella disse-me  
que chamava-se Suelia - chamam-na <sup>Don</sup>  
O teu compadre é muito bom

homem, está demandando uns  
pontos nossos, disse que irá  
caprichar mais com "os do  
compadre"! Ole!... Quando en-  
volar de Württemberg, dis-  
te-ei mais alguma coisa a  
respeito. Levarei o teu retrato  
(que sempre me a acompanha)  
para mostrar-lhes.

Ontem realizou-se aqui  
uma conferência do P. Gabriel  
que embarcou ontem para  
Caracinho; esteve muito boa;  
de Caracinho irá a P. Friburg;  
pode ser que tenhas occasion  
de vê-lo.

Responde-me quantos e  
quais cartões minhas recebe-  
ste. Ontem - hontem assentei

- me á musa para responder  
ou melhor retribuir os sonetos  
do Louca mas o calor era tanto  
que quasi desesperava, e  
como a imaginação se me  
me negasse a obedecer-me e  
as musas fugissem para não  
morrer carbonizadas, eu, á  
força de vontade tornei-me  
salamandra e escrevi o soneto  
que vae na 8.ª pagina, tomando  
por thema o calor. É máo, porém  
é espontaneo e quasi impro-  
visado, pois escrevi-o em 5 minu-  
tos.

Funda des a Lyra e a Li.

Do teu - Audacioso

Signa a tua C. ~~que a D. de~~<sup>3</sup>  
clécia já veio.

de abraçar-te, porém pela fran-  
queza que ás vezes me torna in-  
delicado - proscrito - Perdoá.

A reafirmação do teu amor  
causou-me uma tão grande  
alegria que não te posso des-  
crever, por mais que eu estives-  
se sonhando sempre com uma  
~~grande~~ <sup>grande</sup> de alegria <sup>immensa</sup>! quando  
me repetas essa palavra mapi-  
ca que nunca envelhece-  
-amo-te"! Tu sabes avaliar a  
grandeza do meu amor que  
cada vez aumenta mais,  
por isso não te diria <sup>mais</sup> que  
já sabes e já mil vezes te tenho  
repetido - "Voh lieb dich" - "H. love!  
Je aime! Ra amo! etc.  
Quanto ao teu palpite, não o nego

8ª página

O Calor.

Do amigo J. P.

"Off! que calorão" - alguém me brada,  
já semi-morto pela insolação;  
E eu, afogado pelo pó da estrada  
Lhe respondo a tossir - "Que calorão!"

Oh! natureza dura e desalmada,  
Parece que nos mettes n'um fopão,  
Como a pallinha que vai ser usada  
Para o jantar d'algum senhor plantão.

Nem uma patta de pua cabe de altura  
Para refrigerar a atmosphera!  
E a natureza cada vez mais dura

Nos manda um sol que trema e reverbera  
Como o calor que sahe da bocca escure  
De uma terrivel ignea cratera...

Manuscrito de J. P. 14-12-1901